

Uma reportagem na Escola Básica 2,3 de Santa Clara

Gestão flexível do currículo

Joana Porfírio e Lina Brunheira

Como resultado do processo de "Reflexão participada sobre os currículos do Ensino Básico", o Departamento de Educação Básica deu início, em 1997, ao projecto de Gestão Flexível do Currículo. Através deste projecto dá-se a possibilidade às escolas de, dentro dos limites do currículo nacional, organizar e gerir autonomamente todo o processo de ensino-aprendizagem. A escola deverá assim, atendendo ao seu contexto escolar, gerir e racionalizar a carga horária dos alunos, na qual passarão a constar três novas áreas curriculares não disciplinares (Estudo Acompanhado, A Educação para a Cidadania e O Projecto Interdisciplinar), bem como uma segunda língua estrangeira, no caso do 3º ciclo.

Começando a funcionar em 10 escolas no ano lectivo 1997/98, 34 escolas desenvolveram projectos de gestão flexível do currículo em 1998/99. A Escola Básica 2, 3 de Santa Clara, em Évora, foi uma das escolas que se lançou nesta experiência e foi lá que fomos fazer a nossa reportagem.

Será ali?

Aproximámo-nos um pouco mais e ao virar da esquina as letras gravadas na fachada do edifício confirmavam que era de facto ali. Entrámos pela primeira vez na Escola Básica 2, 3 de Santa Clara curiosas com o que iríamos encontrar e espantadas com o primeiro impacto que tivemos: o edifício, um antigo convento, é lindíssimo e pouco usual como instalação de uma escola. A funcionária com quem falámos encaminhou-nos prontamente para a sala da Conselho Directivo.

A nossa visita à escola começava da melhor maneira possível. A forma como fomos recebidas pelas colegas da escola e o ambiente em nos foram progressivamente integrando, marcou-nos de tal forma que no final do dia, ao fazermos a viagem de regresso a Lisboa, já sentíamos saudades daquela escola onde nos apetecia mesmo poder trabalhar.

Neste texto não vamos conseguir exprimir o entusiasmo que sentimos. No entanto, temos a secreta esperança de que *fique a pensar no que vamos contar.*

Vamos começar? *Então vá!* Se conseguir dizer esta expressão com sotaque alentejano já está inspirado para atacar a leitura deste texto!

Como tudo começou: parte da história da escola

Ponha-se no nosso lugar: sabíamos que durante o ano lectivo 1998/99 a escola tinha desenvolvido um projecto de gestão flexível do currículo e queríamos organizar um texto para esta revista contando essa experiência. O que é que faria? Talvez o mesmo que nós: começar por falar com a coordenadora do projecto, neste caso a colega Antónia Ilhéu. E depois? Para começar é sempre bom começar pelo princípio. Como vê não fomos muito criativas... e começámos por tentar perceber os antecedentes do projecto.

Estávamos sobretudo à espera de ouvir contar um passado recente: talvez os problemas sentidos no ano anterior, talvez a forma como tinha surgido a ideia de desenvolver este projecto, talvez os primeiros passos. Agora imaginem o nosso espanto quando a Antónia começou a falar sobre os antecedentes do projecto, dizendo:

É um bocadinho a história da escola (...) nós somos uma escola do ensino básico com dezanove anos (...) a escola é para todos e não só para alguns, portanto a questão do insucesso preocupa-nos bastante e vamos sempre tentar fazer algu-

ma coisa no sentido de melhorar esse problema. [O insucesso] tem sido sempre, desde a fase de criação da escola, uma preocupação que é constante num grupo significativo de pessoas da escola.



Antecedentes que remontam há 10 anos? A nossa curiosidade aumentava. Infelizmente só podemos contar parte dessa história.

Do que a Antónia nos contou, decidimos descrever apenas dois projectos: o "Aprender a aprender" e o de flexibilização curricular que foi experimentado com duas turmas do 5º ano em 1997/98. No entanto, gostaríamos de salientar que eles constituem apenas uma parte de tudo o que foi desenvolvido com o objectivo de fazer face ao insucesso escolar.

O projecto "Aprender a aprender" começou a ser implementado em 1993, e surgiu devido à insatisfação de muitos professores relativamente aos resultados das aulas de apoio pedagógico. Assim, o projecto procurou, sobretudo, apoiar os alunos

do 5º ano em três aspectos:

- organização: organizar o caderno diário, organizar o trabalho, organizar o estudo;
- descodificação dos manuais escolares: como é que se pode consultar o manual, como é que se trabalha com ele, o que é importante rever;
- fichas de avaliação: por onde se pode começar, como distribuir o tempo, o que significam algumas expressões bastante frequentes neste tipo de fichas.

Este trabalho foi realizado nas horas lectivas da disciplina cujo professor era o director de turma, privilegiando-se o início do ano para o seu desenvolvimento.

Desde a realização deste projecto até à experiência da flexibilização curricular que começou no ano lectivo de 1997/98, várias iniciativas foram tomadas, sempre com o mesmo objectivo final: promover o sucesso dos alunos. É interessante perceber como a escola encarou este último desafio. Como nos contou a Antónia

quando surgiu a primeira hipótese de experimentar a gestão flexível do currículo, nós achámos que tínhamos ali um instrumento legal que nos permitia fazer algumas coisas, que nós achávamos que devíamos fazer. E que até aí não conseguíamos, às vezes por questões meramente burocráticas.

O projecto de gestão flexível do currículo começou por ser realizado em duas turmas de 5º ano, constituídas por alunos com um passado escolar já marcado pelo insucesso. Mas então, quais as principais características deste projecto? Como vai ver, nada de pasmar. No entanto, se pensarmos bem na nossa tradição escolar e na inércia que tantas vezes se instala nas nossas escolas, elas talvez nos pareçam mais relevantes:

◆ Público alvo: alunos com dificuldades de diversa ordem não apenas de aprendizagem, mas também de ordem social, familiar, económica, etc. Para se ter uma ideia mais concreta, numa das turmas, 68% dos alunos já tinha

tido pelo menos uma retenção; as suas expectativas não iam para além da conclusão da escolaridade básica, salvo um ou outro caso.

◆ Um professor por área e não por disciplina, procurando assim cumprir a orientação que consta na Lei de Bases do Sistema Educativo. A grande discrepância entre o número de professores do 1º para o 2º ciclo, é algo que era visto como um aspecto negativo da adaptação dos alunos e um factor de insucesso. Por isso, fez-se um esforço para ter professores por área, por exemplo, Matemática/Ciências e Português/História.

◆ Conselhos de turma das duas turmas com maior número de professores em comum. Este aspecto permitiu rentabilizar o trabalho pois, com uma equipa de professores mais reduzida, mais facilmente se encontram espaços de trabalho e se chega a um consenso de atitudes.

◆ Cada professor lecciona as disciplinas da sua área em horas seguidas. Esta medida previa também a possibilidade de alteração da disciplina a ser leccionada em determinada hora, o que facilita a realização de actividades que não se coadunam com um horário espartilhado em unidades de 50 minutos.

◆ Gestão das horas por disciplina da responsabilidade do professor. Esta autonomia permitiu, por exemplo, que o professor de Português/História, ao perceber as grandes dificuldades que os alunos manifestavam relativamente à Língua Portuguesa, dedicasse inicialmente mais tempo ao ensino desta disciplina do que ao da História.

◆ Continuidade pedagógica. Os professores devem seguir estas turmas no ano lectivo seguinte pois, entre outras vantagens, permite a gestão dos programas para dois anos.

◆ Articulação vertical e horizontal dos programas de todas as disciplinas. A articulação horizontal vê-se facilitada pela existência de professores por área e de um conselho de turma consequentemente mais pequeno. A articulação vertical beneficia da continuidade pedagógica, porém, esta articulação não visa apenas o 2º ciclo,

procurando também atender aos conhecimentos adquiridos no 1º ciclo.

Parece-lhe muita inovação de uma vez só? Bom, apesar de todo o trabalho e empenho necessários para implementar um projecto deste género, quando os professores desta escola perceberam que poderiam, à luz da nova legislação, introduzir outras mudanças, não hesitaram. Foi o que aconteceu no ano lectivo de 1998/99, em que a experiência de gestão flexível continuou com as mesmas duas turmas, agora no 6º ano, e se generalizou a todo o 5º ano.

Neste segundo ano, procurou manter-se as características do trabalho realizado anteriormente, muito embora o alargamento a um número maior de turmas complicasse a tarefa. Por exemplo, surgiram dificuldades em encontrar professores por área para todas as turmas, visto a sua formação e organização por grupos disciplinares nem sempre o facilitar. O que houve afinal de novo? Simples, a adopção do desenho curricular previsto no projecto de Gestão Flexível do Currículo, e que inclui três novas áreas: estudo acompanhado, projecto e direcção de turma.

Naturalmente que o acréscimo destas novas áreas no horário dos alunos não poderia corresponder ao acréscimo da respectiva carga horária nos seus horários. De onde vieram então estas horas? Segundo o que nos contou a colega Antónia Ilhéu, foi às disciplinas de Língua Portuguesa, História, Ciências da Natureza, Educação Visual e Educação Tecnológica que retiraram horas para trabalhar nestas novas áreas. E porquê? Como a própria nos explicou,

fomos buscá-las àquelas disciplinas em que podíamos ter os professores por áreas, porque pensamos que a gestão do tempo pode ser feita de um modo diferente. Por exemplo, [...] quando o professor é de Português e História, consegue perfeitamente fazer uma gestão de tempo diferente e, por exemplo, explorar no Português textos da História e, portanto, avança.

A opção de utilizar horas de Educa-

ção Visual e Tecnológica está ligada à necessidade do apoio dos professores destas disciplinas na área de projecto.

Mas, afinal, que trabalho se desenvolveu nestas três novas áreas? É o que está a pensar? Foi o que nós também quisemos saber. As nossas colegas adivinharam isso e, portanto, pudemos conversar com as professoras que estão mais directamente ligadas a cada área.

A área de direcção de turma

As colegas Cristina Tavares (Educação Visual e coordenadora dos directores de turma), M^a José Reis (Língua Portuguesa) e Célia Tostão (Matemática/Ciências), forneceram-nos muitas informações sobre o trabalho desenvolvido nesta área. Desde o início que consideraram importante a existência de um espaço onde fosse possível tratar de problemas relacionais que, para alunos destas idades, podem ser coisas tão pequeninas como um que tira a borracha a outro, ou mesmo conflitos que podem envolver funcionários e professores. Pode até ser, como nos contaram a Susana e a Daniela (duas alunas de 5^o ano), casos como um que já ocorreu:



Uma vez empurraram um e ele bateu com a boca no chão e partiu um bocado de dente... E depois fazem queixa à directora de turma.

A área de direcção de turma, a que dedicam uma hora semanal, parecia pois ser indicada para o tratamento destas questões. Porém, apesar de saberem que objectivos queriam perseguir, a forma como iriam trabalhar nesse sentido não estava nada clara e constituía motivo de preocupa-

ção. Até que, como nos contou a Cristina,



em boa hora chegou aí uma acção de formação sobre a promoção das competências sociais e um grupo alargado da escola, essencialmente de directores de turma, participou. E acabou por ser uma acção de formação muito enriquecedora, para mim uma das melhores que participei...

As principais vertentes das competências sociais tratadas foram a comunicação verbal e não verbal, sendo o jogo a metodologia de trabalho privilegiada. A aplicação junto dos alunos do que aprenderam na acção, resultou em vários e interessantes episódios para contar. E nós não podemos deixar de relatar pelo menos um... Escolhemos o sucedido na turma de que a colega Cristina é directora,

que é uma turma de alunos academicamente brilhantes, mas a sua formação integral não está assim... agora estão melhor! Está a resultar... Tinham muita dificuldade em se elogiar uns aos outros.

Um dia propôs um jogo: dar e receber elogios.

Eles estavam sentados ao acaso e tinham de arranjar (...) uma característica positiva do colega do lado. Foi difícil, ao contrário do que possa parecer, porque toda a gente tem uma coisinha positiva, mas eles tiveram muita dificuldade.

Pois é, um deles esforçou-se muito para encontrar um elogio para o colega e finalmente encontrou: "tem um aparelho de dentes muito bonito!". Naturalmente, a professora discutiu esta dificuldade com os alunos, pois também eles perceberam que não estavam a atingir os objectivos. Muitas vezes, o problema não era encontrar uma virtude no colega, mas sim explicitá-lo publicamente. Assim, durante mais uma semana continuaram a observar cuidadosamente os

colegas e, na sessão seguinte, registou-se uma evolução.

Este é apenas um exemplo de entre várias estratégias que foram tentadas para melhorar a forma como os alunos se relacionam com os outros, contribuindo para uma formação integral que inclui uma vertente pessoal e social.

Na área de direcção de turma foram ainda desenvolvidas outras actividades, como a realização de debates sobre temas propostos pelos alunos, mas não podemos contar tudo...

A área de Estudo Acompanhado

Todas as colegas referidas anteriormente nos forneceram informações importantes para compreender o que foi desenvolvido no âmbito desta área. A expressão usada pela Célia Tostão quando nos começou a descrever o trabalho desenvolvido marcou o tom geral:



Nós, em relação concretamente ao Estudo Acompanhado, que é um bocadinho a menina dos nossos olhos...

A menina dos nossos olhos? Isto continua a prometer! Querem ver?

A experiência com o projecto "Aprender a aprender" permitiu *agarrar* um conjunto de ideias que se tinham mostrado importantes e que marcaram a tônica daquilo em que decidiram investir inicialmente nesta área. A partir daqui tratou-se sobretudo de diversificar estas ideias centrais e de conceber o modo como elas poderiam ser conduzidas. Outro aspecto que também foi importante prende-se com a formação.

Chamámos à escola uma equipa formada por colegas nossos e por uma psicóloga que estavam a trabalhar na Escola de Sta. Maria em Beja.

Esta formação foi considerada muito útil não só porque forneceu algumas pistas de trabalho mas, também,

porque foi importante perceber que o caminho que tinham começado a delinear era bastante semelhante ao que outros já tinham experimentado.

Mas então como foram organizadas as duas horas semanais de Estudo Acompanhado? Dois aspectos foram comuns a todas as turmas: o número de professores que está presente em cada uma das horas semanais e a primeira actividade desenvolvida.

Nas horas de Estudo Acompanhado estavam sempre presentes dois professores, procurando-se que um fosse da área de ciências e outro da área de letras.

Como primeira actividade comum a todos decidiram começar pelo horário dos alunos. Os alunos assinalaram, num horário que ia de 2ª a Domingo, aquilo que costumavam fazer tanto do ponto de vista escolar como da ocupação dos tempos livres (os passeios, as horas a ver televisão, a ida à missa, etc.). Esta primeira actividade, uma vez que permitiu aos professores perceber o que é que os alunos habitualmente faziam, deu uma maior percepção do modo como os podiam ajudar a organizar o tempo de que dispunham. Mas, também, na medida em que os alunos explicitaram o que faziam, permitiu-lhes ter uma maior noção de como podiam organizar-se e até, tomar a iniciativa de alterar algumas das suas rotinas.

A partir daqui cada professor diversificou o que foi fazendo de acordo com o que considerava mais importante desenvolver com as suas turmas. Como nos referiram várias vezes: "flexibilização significa isso mesmo". No entanto, não perderam de vista a importância de manter uma troca de impressões com os colegas e de ter acesso aos documentos que cada um utiliza com os seus alunos.

Apenas uma ideia de algumas das actividades que se desenvolveram nesta área: analisar se vale a pena ou não ver muita televisão, reflectir sobre a linguagem usada nos testes, discutir a melhor forma de usar os manuais escolares, fazer resumos, decidir sobre a melhor forma de estudar, gerir o modo de responder a um teste de avaliação, etc.

De uma forma geral, durante os dois primeiros períodos escolares, as actividades desenvolvidas nesta área tiveram como objectivo apoiar os alunos de forma a que eles percebessem como podiam organizar a sua forma de trabalhar. Durante o 3º período, as nossas colegas procuraram que o *protagonismo* passasse para os alunos:

Começámos a achar que quem tinha de adquirir alguma orientação já tinha material para se orientar e, portanto, também não podemos andar a abusar daqueles que até já sabem como orientar-se. Então agora vamos dar mesmo carta branca (...) o que é que fizemos? (...) em cada encontro de Estudo Acompanhado eles iam (...) de acordo com o seu horário, [decidir sobre o que] precisavam de fazer na sessão seguinte.

Os alunos passaram a orientar-se de acordo com as suas necessidades decidindo fazer este ou aquele trabalho, estudar para uma certa disciplina, juntar-se ou não a outros colegas.

A área de projecto

Para a Cristina esta terá sido a área em que inicialmente sentiram mais dificuldades. A experiência mais semelhante que tinham tido – a área escola – não tinha corrido bem. No entanto, a ideia de um tema anual, foi afastada à partida:

principalmente para estes miúdos pequeninos achamos que é demasiado (...) mesmo que o tema seja escolhido por eles, no fim do ano já estão fartos.

Por isso, partiram da ideia de explorar vários temas não muito vastos e que tivessem sido propostos pelos alunos. Só que no início do ano, é difícil criar uma dinâmica que permita esta intervenção dos alunos ao nível da escolha do tema. Por isso, uma vez que as horas de projecto (2 por semana) estavam no horário e era necessário começar a trabalhar desde logo, o primeiro tema foi proposto pelos professores e foi comum a todas as turmas do mesmo ano: Os



nossos retratos, quem somos nós (5º ano) e *A propósito da Restauração* (para as duas turmas de 6º ano).

As nossas colegas descreveram-nos vários dos projectos que foram desenvolvidos. Do que nos fomos apercebendo, salientamos apenas uma pequena história, aquela que nos começou a ser contada pela Elsa e pela Paula, duas alunas do 6º ano:

Educação e Matemática — E este ano, no projecto, o que é que vocês têm feito?

Elsa — Os carrinhos de rolamentos.

Só quando falámos novamente com a Antónia é que percebemos que este não tinha sido o único projecto que elas tinham desenvolvido ao longo do ano. A este propósito esta nossa colega comentou:

As miúdas nem se lembraram do projecto do 1º período, porque fomos nós que decidimos qual era. Elas só se lembraram dos carrinhos de rolamentos. O outro [A propósito da Restauração] foram os professores que acharam que aquilo era muito bonito, dava muito jeito, punhamos lá a Matemática, as Ciências, a História, o Português, o Inglês... tudo ali! Tão bem que está! Mas não dizia nada aos miúdos.

Com base na experiência vivida, todas as colegas com quem falámos concluíram sobre um aspecto: o fundamental é conseguir encontrar um

tema que entusiasme os alunos. A facilidade com que se introduzem conteúdos desta ou daquela disciplina não é relevante. A pouco e pouco as ideias vão surgindo. Ao fim ao cabo, aprender não é só para os alunos, é também para os professores.

Em jeito de balanço ...

Bom, a escola adoptou um novo desenho curricular e organizou-se de modo a investir nas novas áreas que foram introduzidas. Relativamente a este projecto de flexibilização as nossas colegas fizeram um balanço bastante positivo (esperamos ter conseguido traduzir isto...). Mas, na sua opinião, o investimento neste projecto, revelou ainda outras vantagens. Por exemplo, o número de turmas de cada professor tende a ser menor o que facilita um maior conhecimento dos alunos até porque o contacto com estes não fica tão circunscrito à aula da sua disciplina. Uma vez que é possível gerir o currículo tendo em conta a continuidade pedagógica e a existência de um professor por área toma-se, do ponto de vista das nossas colegas, mais fácil o cumprimento do programa.

À medida que nos iam contando o trabalho desenvolvido, foram também equacionando a experiência em termos de futuro. Por exemplo, apesar de os conselhos de turma serem já mais pequenos, subsiste a dificuldade em encontrar espaços de trabalho conjuntos. Deste modo, estão a equacionar a possibilidade de libertar algumas horas no horário semanal da escola. Apesar de o estudo acompanhado ser uma das áreas em que o balanço que fazem é bastante positivo, não deixam de referir a necessidade de inflectir por outras vias. Até agora, baseou-se em iniciativas anteriores e incidiu sobretudo no apoio a alunos com dificuldades. Mas ela deverá também atender aqueles que não as revelam e proporcionar-lhes actividades que os desafiem.

Nos últimos dois anos lectivos muita coisa mudou nesta escola. Inicialmen-

te, quando começou a experiência de flexibilização curricular com apenas duas turmas do 5º ano, um pequeno grupo de professores bastante preocupado com alunos que chegam ao 5º ano já com um perfil de insucesso, investiu numa primeira experiência. No ano seguinte, ela foi generalizada a todo o 5º ano. Passaram a estar envolvidos 35 professores, a maior parte dos quais pela primeira vez num desenho curricular como este. Apesar da experiência anterior ao nível da escola, as novas áreas curriculares constituíram um desafio a que foram tentando dar resposta e, de uma forma geral estão contentes com o caminho percorrido. No entanto, salientam que deverão investir mais ao nível das práticas na sala de aula. A este propósito a Antónia comentou:

Ainda trabalhamos muito como se trabalhava, às vezes costumo dizer, como se trabalhava quando eu andava no liceu. Depois dizem que não: já temos a máquina de calcular. Mas o que é a máquina de calcular? A máquina de calcular é apenas um instrumentozito.

Quer dizer, não é porque estamos a introduzir a máquina de calcular que resolvemos o problema das nossas práticas.

E depois de *virnos dali?* Ficámos a pensar ...

Procurámos descrever os principais aspectos da experiência de gestão flexível do currículo da Escola de Santa Clara em Évora. Claro que muita coisa ficou por contar. No entanto, não gostaríamos de terminar este texto, sem reflectir sobre alguns aspectos de carácter mais geral em que ficámos a pensar.

Ao longo do dia em que estivemos na escola, apercebemo-nos de que um grupo de professores tinha um conhecimento profundo do que se passava noutras turmas e com outros colegas. A partilha de dilemas, ideias e experiências suportou grande parte do trabalho desenvolvido. O entusiasmo colocado no projecto era visível num grupo de professores. Mas o

número de professores envolvidos aumentou e continuará a aumentar. Cada vez mais o projecto irá abranger professores exteriores ao *núcleo duro* que tanto tem investido na procura de caminhos, com o objectivo de que a escola possa ser de facto para todos. Este será apenas um dos aspectos a ter em conta na evolução de projectos deste tipo. A flexibilização curricular coloca muitas questões de funcionamento e de organização da escola e não pode depender, em grande parte, do entusiasmo e dedicação de um grupo restrito de professores. É fundamental reflectir sobre as experiências já começadas, analisar com rigor as suas potencialidades e limitações, avaliar o que foi feito e investir na auto-correcção do caminho percorrido. E isto não pode depender apenas do esforço individual de uma escola.

Projectos deste tipo inflectem a lógica tradicional de centralização para uma lógica focada na acção e no poder de decisão da escola. Uma das implicações deste percurso foi-nos referida pelas colegas de St. Clara: a necessidade de uma formação centrada na escola. Por isso, propuseram a criação de um círculo de estudos que deverá começar a funcionar no presente ano lectivo. Outra das implicações, pelo menos numa fase inicial de um projecto deste tipo, prende-se com uma maior incidência de inovação ao nível de problemáticas não centradas em cada disciplina. Mas será também determinante que o esforço de inovação se concentre neste aspecto. É que a gestão flexível do currículo não pode ficar confinada à introdução de áreas como a direcção de turma ou o Estudo Acompanhado. Ela tem que passar por uma gestão reflectida do currículo de cada disciplina. Em última análise, ela tem de se focar no esforço de inovar a partir do que cada professor faz na sua sala de aula com os seus alunos.

Joana Porfírio
ESE de Setúbal
Lina Brunheira
Universidade de Lisboa